

REFLEXÕES SOBRE A FILOSOFIA DE NIETZSCHE E A ÉTICA INDIVIDUALISTA

Roberto Lauro Lana*

O conceito de Ética, adotado como uma ciência da conduta^[1], ou como o conjunto de relações entre os indivíduos considerados em si, ou destes com a própria sociedade tem sido levantado por praticamente todos os filósofos de todas as épocas que se dedicaram ao estudo dos conceitos morais em suas respectivas linhas de pensamento. Dessa forma, encontramos uma ética socrática em Platão, na Política de Aristóteles, consubstanciada na ética das virtudes, depois em Agostinho e Tomás de Aquino, e ainda na ciência da moral do Discurso do Método cartesiano, seguido de Spinoza, Rousseau e Hume, terminando com a célebre moral kantiana e a filosofia de Schopenhauer e a de Hegel. Daí em diante, o que se observa é uma maior preocupação com a fundamentação do conhecimento e do ser existencialista, em detrimento dos temas éticos, pelo menos até a emergência da Bioética, nos anos 70.

Particularmente, na obra de Nietzsche (1844-1900), nos seus textos mais conhecidos, como *Além do Bem e do Mal*, *Genealogia da Moral* e *Zaratustra*, a Ética adquire um aspecto de caráter denunciante, preocupando-se mais com o desvelamento dos conceitos dogmáticos socialmente impostos do bem e do mal, ressaltando a preponderância de uma vontade dirigida para um objetivo maior centrado na ação afirmativa do ser humano. Como define Zaratustra, o homem é uma ponte estendida sobre o abismo entre o animal e o super-homem. Nietzsche vai além, ao definir a verdade como *uma multidão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos*, ou ainda, *como moedas que perderam sua impressão e agora são consideradas apenas metal, não mais moedas*. Para o filósofo, a crença fundamental dos metafísicos (e, portanto, dos moralistas-eticistas) é a duvidosa crença na oposição de valores.

A Ética normativista ou deontológica, tal como a conhecemos e praticamos hoje, é destituída de qualquer valor para Nietzsche, pois os valores humanos e morais são atributos de cada indivíduo que os constrói de acordo com seus próprios desejos e ambições. É, portanto, uma ética em bases racionais e individualistas, que se afasta da ética piedosa e compassiva das religiões do tronco judaico-cristão, na exata medida em que se aproxima de uma ética do poder legitimado pela vontade. Em certo sentido, assume uma feição naturalista darwiniana da luta pela sobrevivência, na qual o mais forte domina e se impõe ao mais fraco. Também, antecedendo a teoria freudiana do inconsciente, afasta as barreiras colocadas pela repressão da irracionalidade e estimula a passagem das fantasias oníricas ao nível consciente, liberando o superego e fortalecendo o ego calcado nas pulsões individuais.

Os direitos humanos e a importância da solidariedade para a construção da equidade social não têm absolutamente um lugar na filosofia de Nietzsche que, no entanto, prioriza o super-homem, embora evite uma comparação histórica ou qualquer identificação com determinados líderes ou ideologias como querem alguns. De certa forma, opõe-se ao socialismo histórico de Marx e Engels, por negar um valor conjuntural histórico ou econômico às estruturas sociais para a consecução de metas de caráter igualitário. Pelo contrário, o que Nietzsche propõe é exatamente a desigualdade social, no que se diferencia também do credo anarquista de desestruturação das normas do Estado para a obtenção do mesmo ideário socialista. De modo análogo, o pressuposto da ética capitalista de inspiração Weberiana (se é que existe tal conceito), baseia-se precisamente na realização individual, no vencer a qualquer custo, em detrimento do social, semelhantemente à filosofia de Nietzsche.

Tais reflexões vêm muito a propósito das relações de consumo e da ética corporativista no mundo moderno. Fato é que estas sempre existiram desde tempos imemoriais, quer baseadas em necessidades econômicas, quer justificadas por uma consolidação de novas tecnologias ou pela afirmação de grupos emergentes. Nunca, porém, em tempo algum, procurou-se deliberadamente fortalecer certos princípios subsidiários de competitividade, lucratividade e oportunismo econômico como agregados de valor ao individualismo da sociedade pós-capitalista. Através da doutrinação dos meios de comunicação, e posteriormente, inserida no currículo acadêmico, as teses nietzscheanas não parecem hoje tão antiquadas e anti-sociais, pelo contrário, se convertem num modelo a ser seguido para a obtenção do êxito desejado.

No entanto, quando Zaratustra fala à multidão sobre a morte de Deus, ele se refere também à morte de todos os outros ídolos que tomaram seu lugar, seja a riqueza, o sucesso, o poder. E os encaminha para a ruína e o declínio que precedem o eterno retorno, como Sísifo, condenado pelos deuses a empurrar a grande pedra montanha acima que sempre rola novamente para baixo. Porque a vida é sempre

eternamente ascensão e declínio, pois como afirma o profeta. Ou na famosa passagem de Heráclito que postula que subir e descer são o mesmo, e ainda, conforme afirma Zaratustra, que diz *.Amo o que trabalha e inventa para construir a morada do super-homem, e prepara para ele a terra, os animais e as plantas. Pois assim quer o seu declínio.*

A passagem anterior nos faz lembrar a filosofia dos cínicos atenienses, tendo como expoente o célebre Diógenes, o cínico, com sua lanterna na mão, 'a luz do dia. E quando se refere a eles, M. Onfray^[2] afirma que,

“ Os fatos e os gestos cínicos exprimem a necessidade da soberania singular; cada homem deve tornar-se um deus. Não se pode mais radicalmente tornar caduca a figura de um deus que não seja figura arquetípica (.) A vida se torna sagrada enquanto é única e suscetível de ser bela, porque vivida na sombra de uma confusão entre ética e estética (.) Os trabalhos dos cínicos implicam a recusa dos caminhos que não levam a parte alguma – as vias do ideal ascético e da renúncia – e a preferência por caminhos que conduzem ‘a autonomia”.

Também, sob esse aspecto, entrecruzam-se o antigo, representado pelos cínicos, a filosofia de Nietzsche e a modernidade da psicanálise sugerida pelo conceito emanado do self da corrente jungiana que se vale basicamente dos arquétipos para interpretar o inconsciente, o qual é explicado como sendo imanente e instintivo, através das *noções de idéias primitivas ou protopensamentos e imagens primordiais*^[3].

Já assinalava Nietzsche, ao findar o século XIX, nos seus *Fragments Póstumos* (1887), comentado por Roberto Machado^[4], *“ Se há continuidade entre os valores divinos tradicionais e os valores humanos, demasiado humanos, modernos, o que torna possível essa passagem e faz da modernidade um cristianismo latente, é certamente a moral”.*Essa moral não é certamente a moral do escravo, do submisso, do que não ousa, e sim, a do senhor, aquele que não está mais comprometido com a tradição e que se atreve a destruir para depois reconstruir, com base em valores novos, individuais, da pós-modernidade, criando a ponte para o super-homem do futuro. Ela acredita no homem verdadeiro, audaz, ousado, intenso, capaz e brilhante, líder de idéias e de feitos, 'a frente do destino e do seu tempo. Está, portanto, muito distante das teses do seu sucessor que nos é mais contemporâneo, John Rawls^[5] que postulava o princípio da equidade ao tratar igualmente os iguais, e desigualmente os desiguais, na medida da sua desigualdade.

O eterno retorno postulado por Nietzsche em toda a sua obra, mas principalmente no Zaratustra, pode ser visto como a superação do niilismo, ou ainda, segundo Deleuze, como aquilo que quiseres, queira-o de tal modo que também queiras o seu eterno retorno. Ou, segundo ainda Roberto Machado^[6], comentando o imperativo supramoral da ética nietzschiana,

“ no sentido ético, ela significa, por outro lado, que, para Nietzsche, quererá eternização do instante vivido, pela afirmação do seu eterno retorno, é querer a vida, a cada instante, em toda a sua intensidade, em toda a sua plenitude, estado supremo de aquiescência ‘a vida considerada por ele a única forma de ultrapassar a vontade de nada ou o nada da vontade do niilismo”.

Toda essa reflexão traz, em si, o germe de uma antiga paixão e deixa em aberto o campo de discussão na pós-modernidade. Deve ser a ética desse novo mundo cada vez mais individualista, cada um de nós formulando (e impondo) seus próprios valores, princípios e crenças, ou nos deixarmos guiar por uma ética construída de fora para dentro, baseada em valores sociais e limites geralmente aceitos, normativos, familiares, religiosos ou de qualquer outra natureza? Somos o que realmente somos, ou apenas aquilo que parecemos ou devemos ser? Ou, metafisicamente falando, o ser humano pode (ou deve) aventurar-se, ir mais longe, criar a si mesmo e prescindir de Deus? Há mais de 100 anos atrás, Nietzsche se fazia a mesma pergunta. E morreu, acreditando ter achado a resposta. Como dizia acertadamente Maurice Blanchot, a resposta é a desgraça da pergunta.

* O autor é médico, advogado e professor universitário de Deontologia Médica e Bioética.

-
- [1] O Conceito de ética como ciência da conduta está explicitado no *Dicionário de Filosofia*, de Nicola Abbagnano, São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 380, parecendo existir pouca dúvida sobre este conceito geral na filosofia em geral.
- [2] M. Onfray – *Cynismes. Le Livre de Poche – Biblio essays*, pp.51-60, in Russ, J. *Pensamento Ético Contemporâneo*, trad.Constança Marcondes Cesar. São Paulo: Paulus, 1999.
- [3] G.C.Jung – *Transformações e Símbolos da Libido – Obras Completas*, vol. IX/1. Ed. Vozes.
- [4] Machado, Roberto – *Zaratustra- Tragédia Nietzscheana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 63.
- [5] Rawls, John – *Uma Teoria da Justiça*.Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2002.
- [6] Machado, Roberto – *idem, ibidem*, p. 135.
-